



Sentidos da sexualidade na produção do conhecimento das Ciências Sociais

Autor: Doutorando Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda¹

RESUMO

Este texto tem como finalidade abordar o campo de construção do conhecimento das Ciências Sociais relativo à temática da sexualidade e sua relação com a heteronormatividade sem, no entanto, esgotá-lo. A ênfase recai na relação entre agência e estrutura e as possibilidades, intensidades de resistências e determinações no processo de objetivação em que os indivíduos são transformados em sujeitos. O artigo enfoca, ainda, os fatores que contribuíram para a sexualidade se converter em objeto de estudo para as Ciências Sociais e suas concepções essencialistas e sócio-construtivistas, além de apontar várias “verdades” que disputam hegemonias na construção do saber sobre sexualidades/homossexualidades. Vale destacar que este artigo busca contribuir para problematizar o campo da produção de conhecimento da Teoria Social. Sendo assim, pergunta-se: que sentidos a sexualidade vem tomando na produção do conhecimento das Ciências Sociais? Vale ressaltar que um dos teóricos mais significativos e clássicos dessa área é Michel Foucault com sua perspectiva genealógica. Esse autor serve de referência para as produções teóricas sobre sexualidade (heterossexualidade e homossexualidade) – concebidas como uma produção sócio-cultural e histórica – na sociedade moderna focando na relação da verdade e com o poder. Outra teórica em destaque é Judith Butler. A autora radicaliza desconstruindo o conceito de gênero e sua aparente “separação” entre sexo e corpo indicando que até o corpo é uma construção social, abordando que há uma inteligibilidade na interação social baseada na heteronormatividade e heterossexualidade compulsória.

Palavras chaves: Teoria Social, Heteronormatividade, Estratégias de Resistência.

ABSTRACT

This text has as purpose to approach the field of construction of the Social Sciences' knowledge relative to the theme of the sexuality and its correlation with the heteronormativity without, however, to drain it. The emphasis relapses in the relationship among agency and structure and the possibilities, intensities of resistances and determinations in the objectivity process in that the individuals are transformed in subjects. The article focuses, still, the factors that contributed for the sexuality to change in study object for the Social Sciences and their essentialist conceptions and social-constructivist, as well, it indicate several “truths” that dispute hegemonies in the construction of the knowledge on sexualities/homosexualities. It is worth to detach that this article looks for to contribute to problematize the field of the production of knowledge of the Social Theory. In this perspective, what senses does the sexuality come

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: mm.marcelohenrique@yahoo.com.br



taking in the production of the knowledge of the Social Sciences? It is worth to emphasize that one of the theoretical more significant and classic of that area is Michel Foucault with his genealogical perspective. This author is reference for the theoretical productions about sexuality (heterosexuality and homosexuality) – perceive as a social-cultural and historical production – in the modern society focusing in the relationship of the truth and with the power. Other theoretical in prominence is Judith Butler. She radicalizes deconstructing the gender concept and its apparent "separation" between sex and body, indicating that until the body is a social construction, approaching that there is intelligibility in the social interaction based in the heteronormativity and compulsory heterosexuality.

Key-words: Social Theory, Heteronormativity, Resistances Strategies.

- **Introdução**

Este texto tem como finalidade abordar o campo da produção de conhecimento das Ciências Sociais no que diz respeito à sexualidade, sem esgotar todo o debate sobre essa temática. O foco recai sobre o pensador Michel Foucault visto que o mesmo dedicou parte de sua produção intelectual a analisar a sexualidade para a sociedade moderna e sua relação com a produção de verdade e poder. Tal relação foi materializada em uma Ciência Sexual em contraposição à Arte Erótica de grandes civilizações. Também serão expostas as ideias de Judith Butler ao radicalizar afirmando que o corpo/sexo também é uma construção sociocultural.

Vale à pena ressaltar que a escolha por Foucault é justificada pelo fato do mesmo ser referência no campo dos estudos sobre sexualidade e por ser citados em quase todos os trabalhos que abordam a sexualidade como uma produção sócio-cultural. Seja criticando parte da perspectiva foucaultiana ou concordando com a mesma, mas o autor não deixa de ser citado principalmente pela sua obra dos três volumes sobre a *História da Sexualidade*.

Sendo assim, será abordada a relação da sexualidade com as Ciências Sociais e de como no século XX outros fatores contingenciais influenciaram para que essa temática ganhasse mais espaço; no próximo ponto se tratará do pensamento de Foucault sobre a subjetivação e a criação de identidades sexuais nos indivíduos via a produção de verdades e poder disciplinador; logo em seguida, abordar-se-á a desconstruções sobre as categorias de sexo e gênero sendo assumidas como discursos em Judith Butler; finalmente, analisar-se-á a partir das práticas de liberdades e resistências à heterossexualidade compulsória as representações de personagens homossexuais e de gênero alguns filmes e em algumas telenovelas “das oito” da Rede Globo que trazem a baila desde 2005 personagens *gays* que a princípio não



reproduzem estereótipos socialmente sancionados.

- **As ciências sociais e a sexualidade**

A produção de conhecimento, como nos fala Jane Flax (1992) em relação à teoria feminista, no que diz respeito ao campo das Ciências Sociais e os seus temas de estudo, assim como em outras áreas do conhecimento, vem permeada por condições históricas, sócio-culturais e políticas que determinam o tema, a tônica e inclusive o olhar do próprio pesquisador, pois ele está inserido em um tempo e espaço.

Quando se trata da sexualidade a produção de conhecimento não poderia ser diferente do exposto à cima. Mas que caminhos a sexualidade vem tomando nessa área de saber? De que maneira ela está sendo privilegiada? E que concepções a sexualidade assume?

Heilborn (1999), ao focar o olhar das Ciências Sociais em relação à sexualidade, nos expõe que há vários motivos que acabam privilegiando a sexualidade como um campo de estudo na contemporaneidade. Mas para se perceber esse movimento, faz-se necessário entender o contexto da sociedade ocidental do final do século XX que elegeu questões relativas à intimidade, à vida privada, à afetividade e à sexualidade (Grossi *et all* 1999; Heilborn, 1999) tais como: *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, de Giddens, 1993; *A Dominação Masculina*, Bourdieu, 1999; *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura: o poder da identidade*, de Castells, 1999; *O Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços Humanos*, de Bauman, 2003 como centro de reflexões sobre a construção da pessoa moderna. Para Heilborn, duas faces compõem a personagem do indivíduo moderno:

uma delas refere-se à sua constituição como sujeito político, livre, autônomo, portador de direitos de cidadania (...); a outra alude à sua fabricação subjetiva, por múltiplos dispositivos disciplinares, que tornam as experiências do gênero e da sexualidade centrais para a constituição das identidades. (1999, p. 08).

Outros fatos contribuíram para um novo impulso nos estudos sobre a sexualidade. O uso da pílula como método anticonceptivo que separou procriação e prazer sexual na década de 1960; a epidemia do HIV/AIDS na década de 1980; os estudos de gênero mantêm uma



relação íntima com a sexualidade além de estarem ligados aos movimentos sociais – o feminismo e o de liberação homossexual (BOZON, 2004; HEILBORN, Op. Cit.).

Após explicitar de maneira sucinta o contexto que privilegiou a sexualidade cabe focar as tendências teóricas sobre a mesma. As produções teóricas sobre sexualidade seguem duas tendências (HEILBORN, 1999; LOYOLA, 1999) que produzem debates entre si: o essencialismo e o construtivismo social. No essencialismo se busca retratar a sexualidade como algo intrínseco à natureza humana, que pertencem aos instintos, ao reino animal.²

A segunda tendência, do construtivismo social, assume a perspectiva que, como o próprio nome diz, a sexualidade é também uma construção sócio-cultural, política e histórica sobre os indivíduos. E numa abordagem mais extremista dessa concepção denominada de teoria e política pós-identitária, que será abordada mais adiante, temos Judith Butler (2003), Louro (2004) dentre outras afirmando que não apenas o gênero e a sexualidade são construções situadas em contextos sócio-culturais, mas também os corpos. A produção teórica sobre sexualidade é, desta maneira, vinculada à concepção de um mundo socialmente construído.

Os seres humanos, assim, necessitam de um aprendizado social para saber de que maneira, quando e com quem agir sexualmente. (BOZON, 2004; HEILBORN, 1999).

Vale ressaltar que essa visão será também a perspectiva teórica que se assume aqui. A seguir, o foco recai sobre a *História da Sexualidade* para que se possa problematizar a construção do objeto de pesquisa sexualidade para o mundo moderno.

2. Foucault e a “invenção” da sexualidade na sociedade moderna

Foucault na sua obra sobre a *História da Sexualidade* (2005, 2006, 2007), em relação aos dispositivos disciplinares (a vontade de saber, o uso dos prazeres e o cuidado de si), analisa como o mundo moderno centra sua atenção sobre a sexualidade. Tal centramento tem como objetivo disciplinar o indivíduo sob a perspectiva da ciência médica (saber e poder), definindo o que é normal e anormal. Desta maneira, na Idade Média, os indivíduos que

²Pertencendo a essa tendência, teríamos “possíveis” explicações da origem da homossexualidade. Todas as explicações quase sempre tentando defender a homossexualidade, entretanto assumindo um viés que hierarquiza a heterossexualidade compulsória em relação à homossexualidade. A explicação, assim, da causa da homossexualidade seria por meio de hormônios, cromossomos, medição do crânio etc.; Vale à pena recordar Costa (2002), que nos chama a atenção para a ânsia que alguns setores da sociedade moderna têm em buscar explicações causais da homossexualidade. O referido autor afirma que ninguém fica tão preocupado em explicar a causa de um bom pianista ou de um bom físico.



mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo eram concebidos como pecadores. Agora, esses indivíduos são concebidos como doentes e pervertidos, tornaram-se homossexuais. Pois, o único sexo “normal/sadio” é o vinculado à heteronormatividade, ou seja, ao casamento e à reprodução biológica.

- *Scientia Sexualis* e heteronormatividade

Para Foucault (2007) ao assumir uma postura genealógica³, indica que há duas grandes maneiras de produzir a verdade do sexo: uma diz respeito à arte erótica (China, Japão, Índia, Roma, nações árabes-muçulmanas). Sendo a verdade extraída da experiência do próprio prazer que é percebido no corpo e na alma e obtido na prática sexual. Tal aprendizado (arte erótica) é mantido na maior descrição para que não seja perdida a sua eficácia. A segunda está relacionada com a ciência sexual que na sociedade europeia do século XIX ganhou *status* de ciência médica normativa instituindo subjetividades “anormais” e “normais”. O principal método dessa ciência sexual é a confissão. Palavra esta, entendida aqui fazendo parte de um processo de transformação de sentido como nos indica Foucault além de estar vinculada a uma hermenêutica:

A própria evolução da palavra “confissão” (...) dá garantia de *status*, de identidade e de valor atribuído a alguém por outrem, passou-se à “confissão” como reconhecimento, por alguém, de suas próprias ações ou pensamentos. O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo (2007, p. 67).

A confissão sexual, matéria-prima da ciência do século XIX, foi constituindo as formas científicas da seguinte maneira: por meio da medicalização dos efeitos da confissão: a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas; (FOUCAULT, 2007, p.74-77) e por meio do método da interpretação/hermenêutica dentre outros:

³ Dreyfus & Rabinow na sua obra *Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (1995) esclarece o que seria a genealogia dizendo que ela “se opõe ao método histórico tradicional; (...) seu objetivo é assinalar a singularidade dos acontecimentos, não há essências fixas, nem leis subjacentes, nem finalidade metafísicas. A genealogia busca descontinuidades ali onde desenvolvimentos contínuos foram encontrados. (...) Ela busca recorrência e jogo ali onde progresso e seriedade foram encontrados. Ela recorda o passado da humanidade para desmascarar os hinos solenes do progresso. A genealogia evita a busca da profundidade. Ela busca a superficialidade dos acontecimentos, os mínimos detalhes, as menores mudanças e os contornos sutis” (1995, p. 117-118).



não é somente porque aquele que ouve tem o poder de perdoar, de consolar e de dirigir que é necessário confessar. É que o trabalho da verdade a ser produzida, ela não está unicamente no sujeito, que revelaria pronta e acabada ao confessá-la. Ela se constitui em dupla tarefa: presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, só podendo completar-se naquele que a recolhe (2007, p. 76).

Foucault, dando continuidade a sua postura genealógica, demonstra, nos outros dois volumes da *História da Sexualidade*, que o processo para se entender a ciência sexual consiste na sujeição do indivíduo a uma heterossexualidade compulsória. No volume II da *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*, o autor indica como no mundo Antigo houve uma ética relacionada à questão erótica no que diz respeito à honra do rapaz e ao fato do mesmo ter controle sobre seus desejos e não se permitindo ser objeto de prazer para outros homens. No terceiro volume, Foucault foca no mapeamento de uma cultura voltada para si, ou seja, como o cuidado consigo foi algo levantando e incentivado por várias correntes filosóficas levando a um tipo de individualidade; a um prestígio social a partir do momento em que o indivíduo se conhecia e se controlava. É importante ressaltar que essa ética não era imposta para toda a sociedade, mas apenas para os homens livres que eram jovens e velhos.

Outra importante teórica que denuncia o assujeitamento do indivíduo por meio de pressupostos moralizantes em relação ao sexo/gênero/sexualidade é Judith Butler. A autora problematiza a compreensão do sujeito, no que se refere à afirmação – até então fundamental nos Estudos de Gênero – de que o sexo seria biológico e apenas o gênero seria uma criação sócio-cultural acima dos corpos sexuais. Butler (1985, 1999, 2003) também indica como sexo-gênero-sexualidade estão concebidos de forma compulsória em uma heteronormatividade que condiciona a inteligibilidade social. Assim, a autora organiza suas proposições problematizando a ordem compulsória do sexo/gênero; indicando que a possibilidade da mudança social a ser realizada via transformações nas estruturas de inteligibilidade acontece por meio da paródia feita pelas *drag queens/kings* em relação ao gênero e à sexualidade.

Para Butler, a separação entre sexo e gênero permite que a própria unidade do sujeito seja potencialmente contestada, visto que a distinção entre elas abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. Desta maneira, corpos masculinos não deveriam constituir compulsoriamente apenas “homens”, nem corpos femininos deveriam constituir apenas “mulheres”. Esses corpos poderiam assumir outros gêneros como no caso dos “entrelugares” das *drag queens* e dos corpos “abjetos”/queer – “mulheres masculinizadas que escolhem



homens homossexuais –, práticas como *strapon* – casais heterossexuais que invertem seus papéis sexuais” (SAFATLE, 2006, p. 16).

Desse modo, o próprio campo de construção de conhecimento sobre o gênero e sexualidade está imbuído de uma lógica heteronormativa ou como Derrida classifica de falocêntrica. Assim, a questão da mudança social, no pensamento de Butler, é obtida pela desestabilização das construções naturalizadas – sexo/gênero/sexualidade - que contrariam a inteligibilidade social, por meio da paródia, como já dito. Essa última, com sua possibilidade de inversão de sentidos, permite que as *drags queens/kings* mostrem a fragilidade do sistema da heterossexualidade compulsória. Butler expõe que uma genealogia das ontologias do gênero, sendo bem-sucedida, desconstrói a essência do gênero, explicitando a naturalização no “interior das estruturas compulsórias criadas por várias forças que policiam a aparência social do gênero” (2003, p. 59).

Vale ressaltar que Butler, entretanto, negligência um importante aspecto da interpretação de qualquer “texto” no ato de sua recepção: os sentidos produzidos nessa recepção dependem do contexto de quem os recebe, ou seja, da comunidade discursiva a que esses indivíduos pertencem, resultando em posturas mais ou menos reflexivas na direção de um projeto político emancipatório.

Esse assujeitamento foucaultiano e butleriano não são aceitos sem contestações. Será visto a seguir algumas implicações das questões levantadas até aqui por Foucault e posteriormente por Butler.

- *Os Limites acerca do assujeitamento dos indivíduos.*

Para Foucault nos três volumes da *História da Sexualidade*, o indivíduo tem uma margem muito pequena ou quase nenhuma na realização de ações/intervenções na construção da realidade social – mesmo considerando que a realidade social não é uma relação mecânica de causa e efeito. Assim, o indivíduo assume uma identidade sexual heterossexual ou faz parte das sexualidades periféricas ou disparatadas, como, por exemplo, no caso da homossexualidade. Sendo qualquer tentativa de reivindicar, protestar ou criar espaços para essas ditas sexualidades periféricas feita como se alimentasse os jogos de verdades que já estão postos da heteronormatividade.

O método genealógico, assumido por Foucault, prioriza as discontinuidades na produção de verdade pelos discursos. Porém, o autor termina indicando, via os jogos de



verdades, que as identidades sexuais são sempre significadas da mesma maneira do início da ciência sexual do século XIX e que permanece até os dias atuais. É nesse ponto que a crítica recai como expõe Anthony Giddens que

(...) não podemos aceitar a tese de Foucault de que há um caminho de desenvolvimento mais ou menos direto, desde um “fascínio” vitoriano pela sexualidade até os tempos mais recentes. Há contrastes importantes entre a sexualidade revelada pela literatura médica vitoriana, e ali efetivamente marginalizada, e a sexualidade como um fenômeno cotidiano em milhares de livros, artigos e outras fontes descritivas atuais (1993, p. 33).

Assim, as significações dos discursos sobre a sexualidade têm assumido várias direções ou para usar um linguajar mais foucaultiano, várias verdades que disputam hegemonias na construção desse saber-poder.

Outra observação esta relacionada à generalização/padronização ocidental na produção do saber-poder sobre as identidades sexuais. Como se as verdades fossem válidas para todas as pessoas, não dando espaços para outras verdades ou outras formas de se viver que rompem com um saber institucionalizado. Por exemplo, nos trabalhos de Peter Fry *Para Inglês ver* (1982) e *O que é Homossexualidade* (FRY & MACRAE, 1985), os autores indicam que as identidades heterossexuais e homossexuais são construções de uma ciência e veiculadas com maior vigor nas camadas médias e altas da sociedade brasileira, enquanto que para as camadas populares há apenas a atividade ou passividade na relação sexual. Ou seja, o indivíduo assume a identidade heterossexual se ele é quem penetra sexualmente, não importando se este penetra um homem ou uma mulher. O mesmo indivíduo pode assumir a identidade homossexual se for penetrado na relação sexual.

Apesar de se tratar de campos diferentes a produção teórica e políticas pública de saúde sexual, tal vivência é levada em consideração e materializada nas campanhas governamentais de prevenção de DST/AIDS, pois há a categoria HSH – homens que fazem sexo com homem, além das demais categorias (gays, lésbicas, travestis, transexuais) na intenção de aumentar o contingente sensibilizado nas propagandas que pelo uso de preservativo e no controle da HIV/AIDS.

Outro questionamento levantado por Giddens tem relação com a concepção do *eu* foucaultiano na modernidade que é engendrado pelo uso de “tecnologias” específicas. Para o referido autor, a auto-identidade é problemática na vida social moderna da forma como foi exposta por Foucault, particularmente nos períodos mais recentes visto que há uma alta



reflexividade que possibilita um caráter mais “aberto” da auto-identidade e a natureza reflexiva do corpo (1993, p. 38-40).

Como exemplo Giddens (Op. Cit.) nos indica que há mulheres que lutam para se libertar de papéis sexuais preexistentes e assim como também há *gays* que contestam os estereótipos de uma heteronormatividade (“casamento” *gay*, adoção de crianças por casais homossexuais, transexuais que eram homens, mas que têm relações sexo-afetivas exclusivamente com mulheres ou vice-versa como no caso do transgênero ator pornô norte-americano Buke Angel etc.).

Em relação a Butler, Cláudia Costa (2006) expõe a crítica que Susan Bordo faz à possibilidade da mudança social acontecer via a interpretação de “texto” paródico/irônico, não levando em consideração a questão da reflexividade. Para Bordo, Butler não leva em conta nem o posicionamento dos receptores dos *body-in-drags* e, conseqüentemente, suas várias respostas, nem as possíveis diferenças na recepção de mulher em *drag* masculina e homem em *drag* feminina pela sociedade. Visto que, para Butler, a mudança social não acontece como resultado de projetos políticos emancipatórios criados por sujeitos reflexivos. A transformação política, para a autora, aconteceria por mudanças na inteligibilidade social. Isto é, mesmo que os corpos *queers* não tenham intenção alguma de emancipação política, suas paródias corporais problematizam os processos de categorização social naturalizados em relação à masculinidade/feminilidade e heterossexualidade/homossexualidade. .

As ideias de Butler a respeito da mudança social por meio da paródia são interessantes, mas parece que o fato de não problematizar uma recepção reflexiva, compromete a possibilidade de mudança social defendida pela mesma. Pois, não há garantias que os indivíduos, ao verem e interagirem com os corpos “abjetos”, problematizem suas próprias categorias de compreensão da realidade social, desnaturalizando noções de gênero e sexualidade. Os receptores podem, inclusive, fortalecer as estruturas compulsórias e heteronormativas existentes que a autora denuncia e quer desconstruir.

Sobre as críticas em relação à concepção desse eu não reflexivo, o qual Butler vai a uma direção muito próxima a de Foucault, o próprio Foucault tenta esclarecer, em uma fase que o mesmo se intitula mais amadurecido, focando acerca dos modos de subjetivação dos indivíduos e suas práticas de resistência.

- *Foucault: subjetivação e práticas de resistência*



Foucault (1995) alega que o seu objetivo está em perceber os diferentes modos na cultura ocidental de como os seres humanos, por meio da objetivação, são transformados em sujeitos. O autor nos expõe que há três modos dessa objetivação. O primeiro diz respeito ao estatuto da ciência no discurso da gramática geral na filosofia e na literatura, ou ainda a objetivação do sujeito produtivo na análise das riquezas e na economia; o segundo foca as práticas divisórias, pois o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros (o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os “bons meninos”); o último modo de objetivação, o qual seria mais relevante para este texto, diz respeito ao modo pelo qual o ser humano torna-se sujeito (como os indivíduos aprenderam a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade”⁴ - ser homo ou heterossexuais).

Assim, Foucault alega que não é o poder, mas sim o sujeito o tema principal de sua pesquisa. O ser humano é colocado em relações de poder muito complexas, faltando instrumentos de trabalho que estenda as dimensões de poder para além da legitimação e de seu modelo institucional estatal.

Desta forma, Foucault (1995, 2003, 2005, 2006, 2007) investiga as relações entre as racionalidades específicas e o poder. Esses processos existem em vários campos, cada um dos quais com uma referência a uma experiência fundamental: loucura, doença, morte, sexualidade etc.

Foucault propõe outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder⁵

que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre teoria e prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida. Para usar outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias (1995, p. 234).

⁴Grifo do autor.

⁵Faz-se necessário expor a concepção de poder indicada na introdução realizada por Roberto Machado do livro de Foucault: *Microfísica do Poder*: “(...) não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social, e, como tal, constituída historicamente” (2007, p. X).



De acordo com Foucault para descobrir o que significa, na nossa sociedade, a sexualidade (heteronormatividade), deveríamos investigar a homossexualidade com suas formas de resistência e as tentativas de dissociar essas relações da heterossexualidade compulsória. Pode-se colocar como exemplo dessas estratégias de resistência filmes e telenovelas que abordam a temática da homossexualidade de uma nova perspectiva ao mesmo tempo em que podem realçar padrões mais conservadores. Ou ainda de paródias como as drag queens que ao mesmo tempo em que imitam trazem algo de diferente na construção da subjetividade de gênero e dos corpos.

Foucault alega que não basta afirmar que estas são lutas anti-autoritárias, mas que devemos tentar definir mais precisamente o que elas têm em comum. Para o autor (1995), o objetivo destas lutas é atacar, não necessariamente uma ou outra instituição de poder, grupo ou elite, mas sim, atacar uma técnica, uma forma de poder que se aplica à vida cotidiana imediata e que caracteriza o indivíduo.

Desse modo, retornando à crítica de Giddens sobre o pouco ou quase nada dado de autonomia aos indivíduos na sua reflexividade de uma auto-identidade, Foucault deixa algum espaço para possibilidades de resistências. O que leva a refletir que os mesmos espaços para ações, intervenções podem conter elementos que endossem as relações de poder existentes ou que contribuam para novos jogos de verdades como se pode averiguar nas alegações do programa humorístico televisivo, recifense, Papeiro da Cinderela que é crítica tanto por entidades de defesa dos Direitos Civis como por parte de grupos sociais mais conservadores e homofóbicos.

É considerando essa afirmação que se abordará algumas produções de filmes e telenovelas cujos princípios parecem se enquadrarem nas práticas de liberdade/resistência em relação às lutas contra a subjetivação dos sujeitos e ao mesmo tempo os coloca como indivíduos que são capazes de agenciarem suas ideias inovadoras a partir de ideias dadas socialmente (Dumont, 1985).

3. Práticas de liberdade/Estratégias de resistência: filmes e telenovelas

Sobre práticas de liberdade ou estratégias de resistência há artigos e alguns exemplos de telenovelas que vão à mesma direção das práticas de resistências que vêm sendo abordadas aqui contra uma heteronormatividade. Têm-se o artigo de Sônia Weidner Maluf - *Corporalidade e Desejo*;



Maluf (2005) analisa a fala da personagem travesti Agrado sobre autenticidade no filme *Tudo sobre sua mãe*, do diretor Pedro Almodóvar. Para a autora, o diretor mostra como as experiências de margem podem ser ao mesmo tempo reveladoras e transgressoras dos mecanismos de poder naturalizados nas ideologias e nos modos de vida dominante nas sociedades urbanas ocidentais contemporâneas. Para ela, Almodóvar brinca com as expectativas do público e com as margens: um marido que coloca um par de seios, uma esposa que permanece com esse marido de tetas, um pai travesti e uma freira que engravida desse mesmo travesti.

Desde 2003 a temática da homossexualidade seja feminina ou masculina é abordada com maior frequência nas telenovelas chamadas das oito. Elas sempre têm uma personagem homossexual seja masculina ou feminina. Temos como exemplo *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Senhora do Destino* (2004/2005), *América* (2005) Perez. Junior (Bruno Gagliasso) e Zeca (Erom Cordeiro) vivem uma história em que Junior passa a novela inteira com o dilema de sair ou não do armário⁶ e concomitante a sua saída do armário houve uma a grande expectativa, juntos aos gays, em ver na televisão um beijo ardente e apaixonado entre dois homens. Tal fato não acontece o que frustra alguns e tranqüiliza outros, e até hoje um beijo apaixonado nunca foi mostrado nas telenovelas. E finalizando, as duas últimas telenovelas são *Dois Caras* (2007/2008) e *A Favorita* em exibição.

O artigo e as novelas em menor grau trazem representações que destacam as inovações na produção cultural relativas ao engendramento de práticas culturais sobre os gêneros e a homossexualidade sexualidades rompendo com uma heteronormatividade, ao mesmo tempo que denunciam produções culturais mais conservadoras que reforçam a heterossexualidade compulsória. Nas palavras de Foucault, tais produções culturais inovadoras das telenovelas e do filme aqui expostos seriam práticas de resistências possibilitando a percepção de relações de poder com a heterossexualidade compulsória.

4. Conclusão

Ao considerar a sexualidade como uma construção sócio-cultural e não como algo instintivo relacionado ao mundo da natureza, buscou-se problematizar e indicar os fatores que contribuíram para ampliação da construção do campo de saber das Ciências Sociais. Analisou-se principalmente Foucault com os seus estudos de ordem genealógicos no

⁶ Expressão usada quando se refere ao indivíduo assumir sua homossexualidade.



engendramento de uma ciência sexual do século XIX nos três volumes da *História da sexualidade* e de como esse saber está vinculado com produções de verdade-poder, ao cuidado de si e ao uso dos prazeres. Logo em seguida se abordou as ideias de Butler a respeito que também os corpos são construções socioculturais e que o campo da produção de conhecimento sobre gênero ao não considerar esse aspecto culminou em uma produção heteronormativa. Ao mesmo tempo, verificou-se que depois da criação da sexualidade na sociedade moderna e de uma heterossexualidade compulsória, há possibilidades de práticas de resistências via produções culturais que podem problematizar a heteronormatividade ao serem questionadas pelas ditas sexualidades “disparatadas”, e, ainda, desestabilizar verdades que se naturalizaram com o passar do tempo na sociedade ocidental. Essas produções culturais foram exemplificadas pelo filme *Tudo sobre minha Mãe* do diretor espanhol Pedro Almodóvar assim como por personagens homossexuais nas nossas telenovelas.

5. BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter. On the discursive limits of 'sex'*. New York: Routledge, 1985.

_____. *Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*.

In **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade** (Org. Guacira Lopes Louro). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Problemas de Gêneros: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Regulaciones de Género. In Revista de Estudios de Géneros: – La Ventana*, nº 23. Tradução: Moisés Silva. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O Poder da Identidade**. São Paulo, Paz e Terra: 2006. Volume 2.

COSTA, Claudia de Lima. *O Feminismo e o Pós-Modernismo/Pós-estruturalismo: as (in)determinações da identidade nas (entre)linhas do (con)texto*. In **Masculino, Feminino,**



Plural: gênero na interdisciplinaridade (Orgs. Joana Maria Pedro e Miriam Pillar Grossi). Florianópolis: Ed.Mulheres, 2006.

COSTA, Jurandir F. **A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. **Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FLAX, Jane. *Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista*. In HOLLANDA B. **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____ **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____ **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____ *O Sujeito e o Poder*. In DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. **Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____ **Sexo, Poder e Indivíduo**. Florianópolis, Nefelibata, 2003.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações**. São Paulo: Edusp, 1985.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

_____ e MACRAE, Edward. **O Que é Homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GROSSI, Miriam P. *et all* (org) **Conjugalidades e Parentalidades de Gays, Lésbicas e Transgêneros no Brasil**. *Revista dos Estudos Feministas* Vol. 07, n. 1-2, - Florianópolis: UFSC, 2006.

HEILBORN, M^a Luiza. *Introdução*. In **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LOURO, Guacira L. **Um Corpo Estranho: ensaio sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica 2004.

LOYOLA, Maria Andréa. *A sexualidade como Objeto de Estudo das Ciências Humanas*. In **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MACHADO, Roberto. *Introdução*. FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2007.

MALUF, Sônia Weidner. *Corporalidade e Desejo*. In **Gênero em Discursos da Mídia**. Orgs. Susana B. Funck e Nara Widholzer. Florianópolis: Ed. Mulheres/Santa Cruz do Sul: 2005.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

SAFATLE, Vladimir. Sexo, Simulacro e Políticas da Paródia. *In Revista do Departamento de Psicologia*. UFF. Vol 18, nr. 1, Niteroi Jan/Junho, 2006.